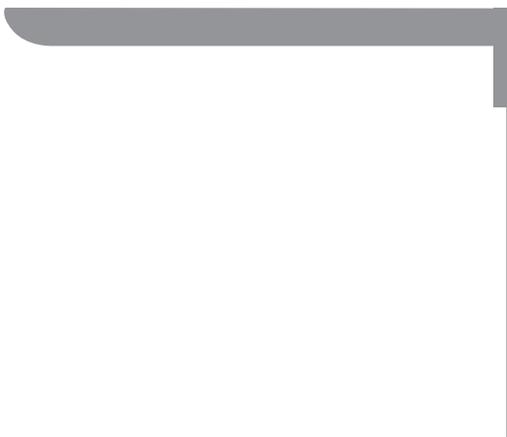


CAPÍTULO 1

A CONCORDÂNCIA VERBAL NA INTERLÍNGUA DE FALANTES DE MANDARIM



1. A CONCORDÂNCIA VERBAL NA INTERLÍNGUA DE FALANTES DE MANDARIM¹

Ana Madeira
Universidade Nova de Lisboa

Maria Francisca Xavier
Universidade Nova de Lisboa

Maria de Lourdes Crispim
Universidade Nova de Lisboa

1.1 INTRODUÇÃO

Como é sabido, a morfologia verbal, em particular numa língua com morfologia rica, como o português europeu (PE), constitui uma das áreas de maior dificuldade na aquisição de uma segunda língua (L2), sobretudo quando a língua materna (L1) dos aprendentes se caracteriza pela ausência de morfologia flexional, como é o caso do chinês (White 2003). Este défice manifesta-se, sobretudo, ao nível da produção, persiste em estádios de desenvolvimento avançados e nem sempre corresponde a um atraso das propriedades sintáticas que estão associadas à concordância verbal, como é o caso da possibilidade de sujeitos nulos (Lardiere, 2000; Prévost e White, 2000).

Além de formas verbais finitas (flexionadas), o português apresenta um infinitivo flexionado, que constitui uma opção tipologicamente marcada. À semelhança das formas verbais finitas, o infinitivo flexionado exibe flexão de concordância e legitima sujeitos nominativos. Quanto à sua distribuição, está restrito a um subconjunto dos contextos sintáticos em que ocorre o infinitivo não flexionado.

Este trabalho pretende investigar como se desenvolve o conhecimento da concordância verbal de pessoa e número na gramática de falantes chineses de português L2, em contextos finitos e infinitivos. Os dados relativos à concordância verbal em contextos finitos foram obtidos a partir de *corpora* escritos. Foram também recolhidos dados através de uma tarefa de reconhecimento morfológico, testando o conhecimento das propriedades distintivas do infinitivo flexionado.

O artigo apresenta a seguinte estrutura: na Secção 1.2, fazemos uma síntese de algumas das questões teóricas que orientam este trabalho de investigação; nas secções seguintes, descrevemos os estudos realizados sobre a morfologia de concordância verbal em contextos finitos (Secção 1.3) e contextos de infinitivo flexionado (Secção 1.4); finalmente, na Secção 1.5, apresentamos e discutimos algumas conclusões que se podem retirar deste trabalho.

¹ Agradecemos a todos os informantes que participaram no estudo, bem como aos professores do Curso de Língua e Cultura Portuguesa, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pela colaboração prestada na recolha de dados. Agradecemos ainda a Ana Fernandes, Nuno Rendeiro, André Mafra e Sandro Dias, pela sua assistência na criação dos materiais e na recolha, transcrição e análise dos dados.

1.2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A análise dos erros, ou desvios, produzidos por falantes não nativos ao longo do processo de aquisição da língua não materna (LNM) reveste-se de extrema importância, uma vez que os erros nos permitem compreender quer a natureza das representações gramaticais dos falantes, quer o modo como se realiza o acesso a essas representações na produção e compreensão de enunciados linguísticos.

Muitos estudos têm demonstrado as dificuldades persistentes que os falantes não nativos exibem em relação à morfologia flexional, tanto verbal como nominal, apesar da atenção que é dedicada à aprendizagem das formas morfológicas em contexto de sala de aula, por um lado, e da elevada frequência destas formas no *input* linguístico. A produção destas formas morfológicas caracteriza-se pela opcionalidade ou variabilidade, que se traduz na alternância entre formas corretas (ou formas-alvo) e desviantes.

Esta variabilidade tem sido atribuída por alguns autores a défices nas representações gramaticais subjacentes (Hipótese do Défice Representacional²), ou seja, a um conhecimento defetivo de propriedades morfossintáticas abstratas (Clahsen e Muysken, 1986; Hawkins e Chan, 1997; Franceschina, 2005). De acordo com esta hipótese, a aquisição da morfologia flexional deverá estar relacionada com o desenvolvimento das propriedades sintáticas correspondentes. Assim, no caso da concordância verbal, que está estreitamente ligada a fenómenos sintáticos, como a possibilidade de sujeitos nulos e o movimento do verbo (que determina certos aspetos de ordens de palavras na frase), a hipótese prediz que a variabilidade na realização das formas morfológicas deverá estar associada a défices no conhecimento destes fenómenos sintáticos. Contudo, esta predição não é confirmada por muitos estudos (por exemplo, Lardiere, 2000; Prévost e White, 2000), que demonstram existir uma dissociação entre a morfologia (ou melhor, a realização das formas morfológicas) e o conhecimento sintático. Por outro lado, esta hipótese também não permite explicar o facto de o número de desvios que se verifica na produção da morfologia ser pouco elevado, bem como as assimetrias observadas entre produção e compreensão (uma vez que praticamente não se registam desvios na compreensão em falantes que os realizam na produção) (Bruhn de Garavito, 2003).

Uma explicação alternativa para a variabilidade da morfologia, a Hipótese da Ausência Superficial da Flexão³ (Prévost e White, 2000), defende que o défice não se situa ao nível da competência morfossintática, mas apenas ao nível do uso, designadamente na realização morfológica das formas. Os défices poderão dever-se, nesta perspetiva, a dificuldades no mapeamento entre propriedades gramaticais abstratas e as formas morfológicas que as realizam.

² *Representational Deficit Hypothesis*, no original.

³ *Missing Surface Inflection Hypothesis*, no original.

Uma outra questão que se levanta prende-se com o efeito da L1 no desenvolvimento da morfologia flexional. De acordo com White (2003: 139), a presença de paradigmas flexionais ricos na L1 tem um efeito facilitador na aquisição da morfologia flexional na L2: “Presence of overt inflectional morphology in the L1 appears to sensitize the L2 speaker to overt morphology in the L2, and to facilitate its use”. Esta é uma questão, no entanto, que não tem sido objeto de investigação sistemática. Neste sentido, justifica-se um estudo que procure compreender como se desenvolve a morfologia flexional na aquisição de uma língua com paradigmas flexionais ricos, como é o caso do PE, por falantes nativos de uma língua que se caracteriza pela não realização da morfologia flexional, comparando esse desenvolvimento com o observado em falantes de L1 com sistemas flexionais mais pobres.

1.3 AQUISIÇÃO DE FORMAS VERBAIS FINITAS EM PORTUGUÊS L2

Como se sabe, o PE é uma língua que exhibe paradigmas ricos de concordância verbal. O estudo descrito nesta secção tem como objetivo investigar como se desenvolve o conhecimento da flexão verbal de pessoa e número, em formas finitas, na gramática dos falantes de mandarim, aprendentes de português L2. Sendo o mandarim, ao contrário do português, uma língua sem morfologia flexional, procurámos determinar: (i) que progressão se observa no número de desvios registados na produção escrita espontânea (níveis de iniciação, intermédio e avançado); (ii) que tipos de desvios se verificam nos diferentes níveis de proficiência; e (iii) em que medida a L1 dos aprendentes influencia o número e o tipo de desvios produzidos.

1.3.1 Metodologia

1.3.1.1 Participantes

Participaram no estudo 31 falantes nativos de mandarim, distribuídos por três níveis de proficiência: elementar, intermédio e avançado. Todos os participantes frequentavam um curso de português numa universidade em Portugal, tendo iniciado a sua aprendizagem da língua na China. O nível de proficiência dos informantes foi determinado através de um teste de posicionamento, aplicado no início do curso. A informação relativa às idades e ao número de anos de aprendizagem do português é apresentada na Tabela 1.1.

NÍVEL	IDADES	DURAÇÃO DE APRENDIZAGEM (ANOS)
Elementar (N = 15)	19-21 (média = 20,4)	1,6
Intermédio (N = 13)	19-23 (média = 20,6)	1,5
Avançado (N = 3)	20-21 (média = 20,3)	2

Tabela 1.1 – Caracterização dos participantes no estudo

1.3.1.2 Procedimento

O estudo baseia-se em dados de produção escrita espontânea, retirados de um *corpus*⁴ de textos narrativos produzidos pelos aprendentes em contexto de sala de aula, sem recurso a dicionários ou a outros materiais de apoio.

Foram analisadas todas as formas verbais que ocorrem em contextos finitos, quanto à realização da morfologia de pessoa e número. Não foram tomados em consideração outros desvios na realização da flexão verbal, designadamente de tempo/modo/aspecto.

Apresenta-se na Tabela 1.2 a constituição do *corpus* analisado.

	NÍVEL DE PROFICIÊNCIA			
	INICIAÇÃO	INTERMÉDIO	AVANÇADO	TOTAL
TEXTOS	23	27	15	65
FORMAS VERBAIS FINITAS	599	792	268	1659

Tabela 1.2 – Constituição do *corpus*

1.3.2 Resultados

Os resultados globais são apresentados no Gráfico 1.1.

⁴ *Corpus de Aquisição de Língua Segunda (CAL2)*, Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, disponível em <http://cal2.clunl.edu.pt/?mid=244>, consultado em janeiro de 2013.

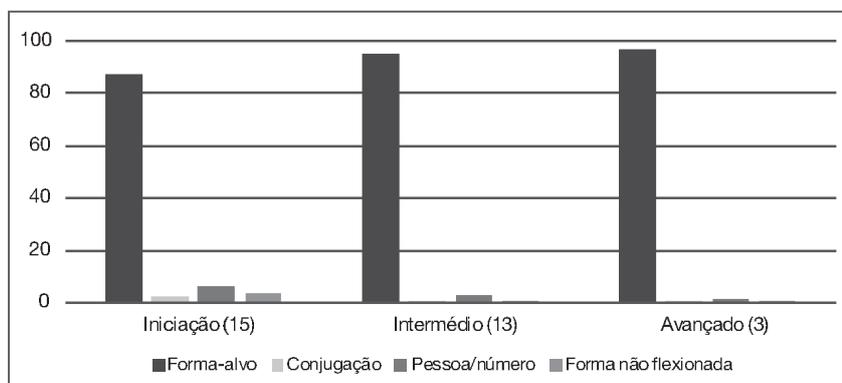


Gráfico 1.1 – Realização da flexão de concordância (pessoa/número) em formas verbais finitas (falantes nativos de mandarim)

Observa-se um predomínio de formas-alvo em todos os níveis de proficiência – 523 (87,3%) no nível de iniciação, 752 (94,9%) no nível intermédio e 260 (97%) no nível avançado. Embora as percentagens de desvios registadas sejam baixas em todos os níveis (certamente mais baixas do que seria de esperar), verifica-se um aumento na percentagem de concordância correta, de acordo com o nível de proficiência. Os desvios de morfologia de concordância verbal identificados incluem-se numa das seguintes categorias: utilização de uma forma pertencente a outra conjugação verbal⁵ [observem-se os exemplos em (1), em que são usadas flexões da primeira conjugação com verbos que pertencem à segunda conjugação]; substituição por uma forma inadequada em pessoa e/ou número (2); substituição por uma forma infinitiva (3).

- (1) a. Felizmente eu **escolhei** uma guarda-chuva. (intermédio)
b. **Chovou** muito ontem e hoje. (intermédio)
- (2) a. Jing, com quem eu **mora** numa casa... (intermédio)
b. As férias **passou** rápido. (iniciação)
c. O meu colega, a Dony e eu **cozinhou** e **levou** as roupas. (iniciação)
- (3) a. Mas isso realmente **matar** o tempo. (iniciação)
b. Esse assunto já se **resolver** logo depois do pagamento do senhor Macário. (avançado)

⁵ A inclusão do uso da conjugação verbal incorreta na categoria dos desvios de concordância verbal poderá ser discutível, uma vez que, nestes casos, geralmente, a forma flexional é a correta para a conjugação utilizada, como se observa nos exemplos apresentados em (1).

Destes desvios, os mais frequentes são os de pessoa e número. Considerando a totalidade dos desvios de morfologia de concordância verbal identificados em cada grupo, os desvios de pessoa e/ou número representam 51,3% dos desvios produzidos pelo grupo de iniciação, 65% dos produzidos pelo grupo intermédio e 50% dos desvios do grupo avançado. Dentro desta categoria, predominam os desvios de pessoa, como se mostra no Gráfico 1.2, em que se apresentam apenas os desvios de pessoa e/ou número. Na maioria dos casos, a forma utilizada, por defeito, pelos falantes não nativos é a de terceira pessoa.

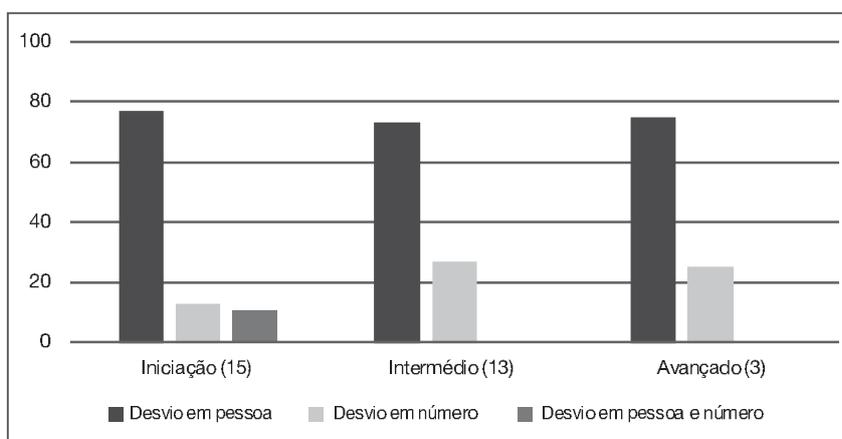


Gráfico 1.2 – Desvios de pessoa/número (falantes nativos de mandarim)

1.3.3 Aquisição da concordância verbal por falantes de outras línguas

O que acontece quando a L1 dos aprendentes, ao contrário do mandarim, possui morfologia flexional (rica)? Num estudo anterior (Madeira, Xavier e Crispim, 2009), foram analisados dados de produção escrita de 129 estudantes universitários, falantes de português L2, com idades entre 20 e 35 anos, residentes em Portugal (por um período entre 6 meses e 1 ano) e que se encontravam a frequentar um curso de português como língua estrangeira (PLE). Foram recolhidos textos de falantes nativos de alemão, de nível elementar (N = 47) e avançado (N = 28), e de italiano, também de nível elementar (N = 33) e avançado (N = 21). Foram recolhidos igualmente dados de um grupo de falantes nativos (N = 33), com idades compreendidas entre 17 e 38 anos.

Os resultados da análise dos verbos finitos do *corpus*, quanto à realização da morfologia de pessoa e número, são apresentados no Gráfico 1.3.

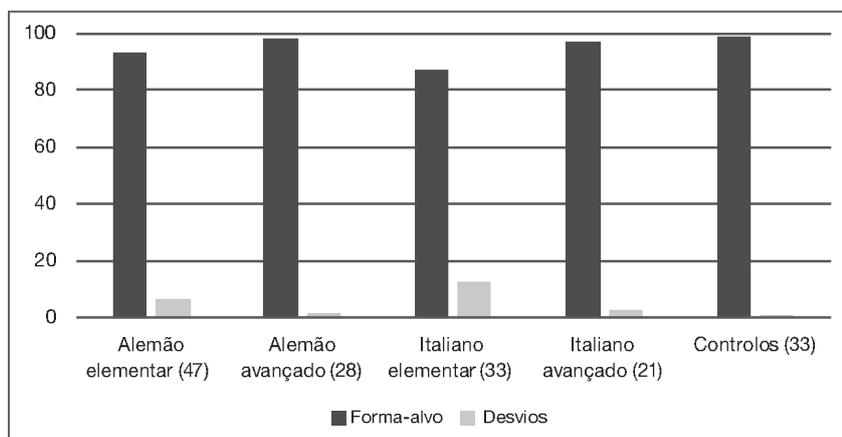


Gráfico 1.3 – Realização da flexão de concordância (pessoa/número) em formas verbais finitas (falantes nativos de alemão e de italiano e controlos)

Tal como se verificou nos grupos de mandarim L1, também a maioria das formas verbais produzidas por estes falantes correspondem a formas-alvo (variando entre 87,3%, no grupo italiano elementar, e 98,5%, no grupo alemão avançado). Observaram-se, porém, diferenças significativas entre o grupo de controlo e os grupos de nível elementar, bem como entre o nível elementar e o nível avançado em cada grupo linguístico (e também entre o grupo alemão avançado e o grupo italiano elementar). Ou seja, verificou-se que a percentagem mediana de concordância correta aumenta significativamente, em ambos os grupos linguísticos, de acordo com o nível de proficiência, particularmente no grupo alemão. Não se observaram diferenças significativas entre os dois grupos dentro de cada nível de proficiência.

A maioria dos desvios de morfologia de concordância verbal identificados, quer nos dados escritos quer nos orais, incluiu-se numa das seguintes categorias: utilização de uma forma pertencente a outro tempo verbal (4); substituição por uma forma inexistente, geralmente por transferência da L1 ou de uma outra L2 (5); substituição por uma forma inapropriada em pessoa e/ou número (6); e substituição por uma forma infinitiva (7).

- (4) João **respondou**, que ele não matou a D. Odete (alemão elementar)
- (5) a. No verao **costumavo** ir à praia com os meus pais e os meus tios. (italiano elementar)
- b. Para mim **es** fácil inventar uma palavra. (italiano elementar, 7 anos de espanhol)
- (6) a. Eu não **sabe** que ... (alemão elementar)
- b. Mas duas raparigas que **estava** brincando ali ofereciam um pouco de agua (italiano elementar)

- (7) a. O Horst (...) pareceu muito nervoso. Por isso o Inspetor **dar** lhe perguntas mais uma vez. (alemão elementar)
b. Houve muitas coisas que ela não **ver** nunca na sua vida. (italiano elementar)

1.3.4 Síntese

Os dados descritos nesta secção são indicativos de desempenhos semelhantes dos três grupos de L1 (mandarim, alemão e italiano). Assim, os três grupos apresentam:

- Baixas percentagens de desvios (com valores semelhantes nos diferentes grupos linguísticos), em todos os níveis de proficiência⁶.
- Um aumento na percentagem de concordância correta, do nível de iniciação/ /elementar ao nível avançado, que revela uma progressão de acordo com o nível de proficiência.

Os desvios mais significativos consistem na substituição da forma-alvo por uma forma inadequada em pessoa/número (geralmente, mas não sempre, por uma forma de terceira pessoa). Observaram-se igualmente substituições por formas de infinitivo e, no caso do grupo italiano elementar, por formas que parecem resultar de transferência quer da L1 (italiano) quer de outra L2 (espanhol).

Não considerando estes casos óbvios de empréstimos, uma comparação dos resultados dos diferentes grupos linguísticos não evidencia diferenças entre o grupo de falantes de mandarim e os grupos de falantes de alemão e de italiano que sejam reveladoras de um efeito de influência da L1. Por outras palavras, aquele grupo não parece revelar dificuldades mais acentuadas do que os outros dois grupos, pois apresenta os mesmos tipos de desvios e exibe um percurso de desenvolvimento semelhante na aquisição da morfologia de concordância verbal, apesar da ausência desta na sua L1.

1.4 AQUISIÇÃO DA MORFOLOGIA DO INFINITIVO FLEXIONADO EM PORTUGUÊS L2

O português caracteriza-se por possuir um infinitivo flexionado, que, tal como as formas verbais finitas, apresenta morfologia de concordância de pessoa e número e legitima sujeitos nominativos (8). Embora tanto o infinitivo flexionado como o não flexionado ocorram exclusivamente em orações subordinadas (não introduzidas por uma conjunção subordinativa), o infinitivo flexionado apresenta uma distribuição mais limitada do que o não flexionado (Raposo, 1987).

⁶ Estas percentagens seriam ainda mais baixas se fossem excluídos os erros no uso da conjugação verbal.

(8) (eu) falar / (tu) falares / (você/ele/ela) falar / (nós) falamos / (vocês/eles/elas) falarem

O estudo descrito nesta secção visa investigar o conhecimento que os falantes nativos de mandarim têm das propriedades morfológicas do infinitivo flexionado, procurando caracterizar o modo como se desenvolve este conhecimento. Os resultados deste estudo serão comparados com os dados obtidos num estudo realizado com falantes nativos de espanhol e italiano. À semelhança do mandarim, estas línguas não possuem infinitivo flexionado; no entanto, ao contrário do mandarim, possuem paradigmas ricos de concordância de pessoa e número com formas verbais finitas. Uma comparação entre os dados de aprendentes com diferentes L1 poderá contribuir para determinar até que ponto a L1 influencia, ou não, a aquisição destas propriedades morfológicas.

1.4.1 Metodologia

1.4.1.1 Participantes

Participaram no estudo 35 falantes nativos de mandarim, distribuídos por três níveis de proficiência: elementar (N = 13), intermédio (N = 8) e avançado (N = 14). Todos os participantes frequentavam um curso de português numa universidade em Portugal, tendo iniciado a sua aprendizagem da língua na China. Na Tabela 1.3 apresenta-se a informação, para cada um dos grupos, quanto à idade, à idade de início de aprendizagem do português e ao conhecimento de outras L2. A Tabela 1.3 indica também as idades do grupo de controlo, constituído por falantes nativos de PE.

NÍVEL	IDADES	IDADE DE INÍCIO DE APRENDIZAGEM	OUTRAS L2
Elementar (N = 13)	19-21 (média = 20,1)	18-19 (média = 18,6)	Inglês
Intermédio (N = 8)	19-21 (média = 19,9)	17-19 (média = 18)	Inglês
Avançado (N = 14)	20-26 (média = 22,1)	16-25 (média = 19,9)	Inglês
Controlos (N = 9)	22-42 (média = 29,7)	n/a	n/a

Tabela 1.3 – Participantes na tarefa de reconhecimento morfológico

1.4.1.2 Procedimento

A tarefa de reconhecimento morfológico utilizada no estudo é adaptada a partir da tarefa descrita em Pires e Rothman (2009). Tem como objetivo testar se os aprendentes desenvolveram conhecimento das propriedades morfossintáticas específicas dos infinitivos flexionados, ou seja, se sabem que os infinitivos flexionados possuem

morfologia de pessoa e número e legitimam sujeitos nominativos (tal como os verbos finitos), embora estejam limitados a contextos não finitos (tal como os infinitivos não flexionados). Por outras palavras, através da avaliação do conhecimento que os falantes não nativos possuem da morfologia de concordância verbal, pretende-se averiguar se estes reconhecem a existência de uma dissociação entre morfologia de concordância e finitude, estabelecendo uma distinção entre infinitivos flexionados e verbos finitos, por um lado, e infinitivos não flexionados, por outro.

A tarefa de juízos de gramaticalidade é constituída por 24 itens de teste, 11 dos quais são gramaticais e 13 são agramaticais. Os itens estão distribuídos por três condições. Cada condição inclui três itens com infinitivo flexionado, três itens com infinitivo não flexionado e dois itens com verbo finito, como se indica de seguida.

1. Contextos infinitivos com sujeito expresso:

- (9) a. Ela pediu bacalhau para **eles provarem** um prato português.
b. *Ela escolheu o prato por **eles não perceber** a ementa.
c. *Às vezes, um amigo convida-os para **eles jogam** futebol.

2. Contextos infinitivos com sujeito nulo:

- (10) a. Já é demasiado tarde para **chamarem** um táxi.
b. Tinham muita vontade de **aprender** francês.
c. *Querem continuar o curso para **aprendem** mais português.

3. Contextos finitos com sujeito expresso:

- (11) a. *Ele perguntou se **eles já fazerem** as malas.
b. *Estavam contentes porque **os exames já terminar**.
c. Eles vão de carro porque **os autocarros estão** em greve.

Cada par de itens é precedido por um parágrafo que funciona como contexto. Pede-se aos participantes que indiquem, para cada item, se o consideram aceitável ou não. Em caso de resposta negativa, devem corrigir a frase [ver exemplo em (12)].

- (12) O Pedro e a Ana vão sempre de autocarro para o trabalho, mas hoje têm de ir de carro. Porquê?
a. Eles vão de carro porque os autocarros estão em greve.
b. Já é demasiado tarde para chamarem um táxi.

1.4.2 Resultados

Nos Gráficos 1.4 e 1.5, apresentam-se os resultados obtidos nos contextos infinitivos, respetivamente, com sujeito expresso e com sujeito nulo.

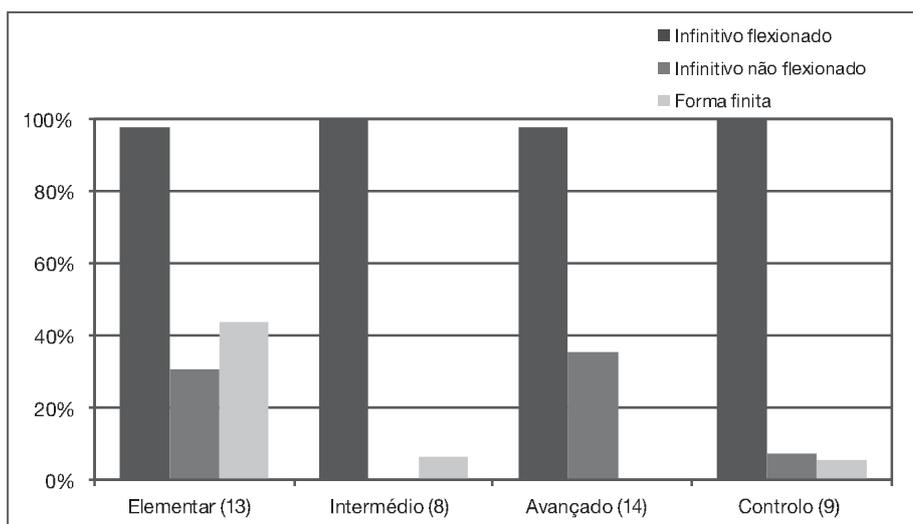


Gráfico 1.4 – Contextos infinitivos com sujeito expresso

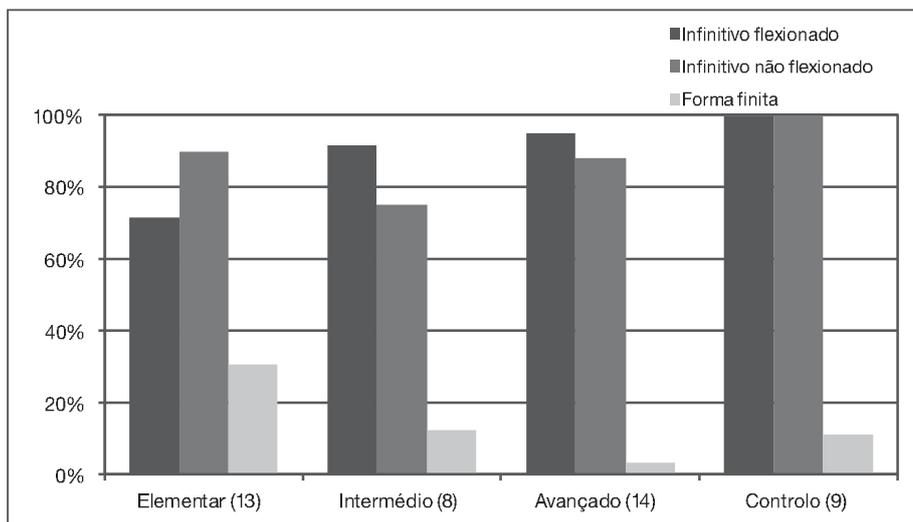


Gráfico 1.5 – Contextos infinitivos com sujeito nulo

Relativamente ao infinitivo flexionado, verificam-se taxas elevadas de aceitação em todos os grupos. A aceitação desta opção é mais marcada quando o sujeito está expresso (97,4% no grupo elementar, 100% no grupo intermédio e 97,6% no grupo avançado) do que quando o sujeito não é realizado (71,8% no grupo elementar, 91,7% no grupo intermédio e 95,2% no grupo avançado). A diferença entre os dois contextos, nas taxas de aceitação do infinitivo flexionado, diminui à medida que aumenta o nível de proficiência.

Quanto ao infinitivo não flexionado, todos os grupos exibem uma assimetria clara nas taxas de aceitação que apresentam nos dois contextos. Assim, os três grupos manifestam uma forte aceitação por esta opção quando o sujeito não está realizado (89,7% no grupo elementar, 75% no grupo intermédio e 88,1% no grupo avançado), em contraste com a fraca aceitação ou mesmo rejeição nos contextos com sujeito expresso (30,8% no grupo elementar, 0% no grupo intermédio e 35,7% no grupo avançado).

Em relação às formas finitas, apenas no grupo elementar se observam taxas de aceitação apreciáveis: 43,6% quando o sujeito está expresso e 30,8% com sujeito nulo.

Nos casos em que se observa rejeição do infinitivo flexionado, a única estratégia utilizada pelos três grupos é a substituição por um infinitivo não flexionado, omitindo o sujeito, quando este está realizado (13). Num único caso em que o sujeito estava realizado, este foi omitido, mantendo-se o infinitivo flexionado (14); num outro caso em que o sujeito não estava expresso, foi inserido um sujeito, mantendo-se também o infinitivo flexionado (15).

- (13) a. Já é demasiado tarde para **chamar** um táxi. (frase de teste: *Já é demasiado tarde para **chamarem** um táxi.*)
b. Ela pediu bacalhau para **provar** um prato português. (frase de teste: *Ela pediu bacalhau para **eles provarem** um prato português.*)
- (14) Ela pediu bacalhau para **provarem** um prato português.
- (15) Já é demasiado tarde para **eles chamarem** um táxi.

Nas frases agramaticais com infinitivo não flexionado na presença de um sujeito realizado, os participantes de nível elementar tendem a substituir a forma verbal por uma forma de infinitivo flexionado, mantendo o sujeito (16), ou por omitir o sujeito, mantendo o infinitivo não flexionado (17). Em alguns casos, porém, a forma verbal é substituída por uma forma finita (18). Isto só se verifica uma vez no grupo intermédio e no grupo avançado, que, de modo geral, substituem o infinitivo não flexionado por uma forma flexionada (omitindo por vezes o sujeito, no caso do grupo intermédio) (19).

- (16) Ele levou o carro para **nós** não **chegarmos** atrasados. (frase de teste: *Ele levou o carro para **nós** não **chegar** atrasados*)

- (17) Ele levou o carro para não **chegar** atrasados.
- (18) Ela escolheu o prato por **eles** não **perceberam** a ementa (frase de teste: *Ela escolheu o prato por **eles** não **perceber** a ementa*).
- (19) Ele levou o carro para não **(nós) chegarmos** atrasados.

Por outro lado, as formas verbais finitas nestes contextos (agramaticais), quando são rejeitadas, são substituídas por formas infinitivas não flexionadas (20) ou flexionadas (21) (todos os grupos), ou por outras formas finitas (a opção preferida no grupo elementar e com apenas uma ocorrência nos grupos intermédio e avançado) (22).

- (20) Os pais têm planos para **fazer** uma grande viagem nas férias. (frase de teste: *Os pais têm planos para **elas** **fazem** uma grande viagem nas férias*)
- (21) Os pais têm planos para **elas fazerem** uma grande viagem nas férias.
- (22) Pões a mesa antes de **preparaes** o jantar. (frase de teste: *Pões a mesa antes de **preparas** o jantar*)

No Gráfico 1.6, apresentam-se os resultados obtidos nos contextos finitos.

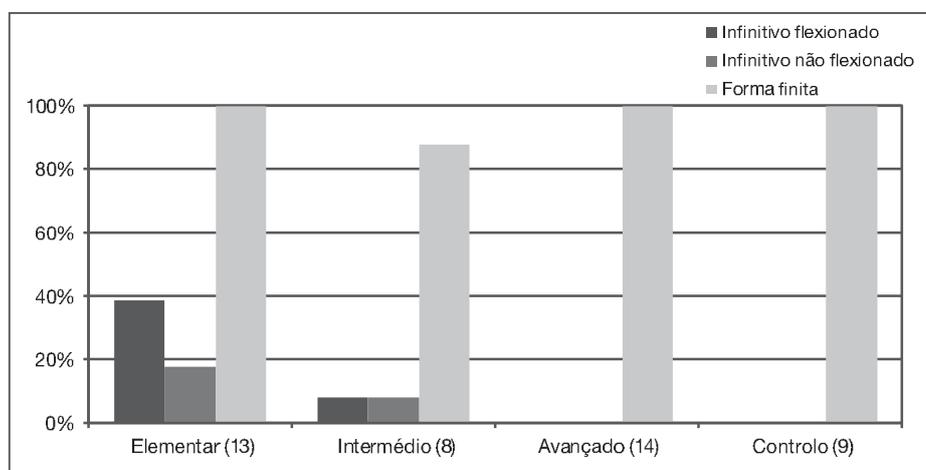


Gráfico 1.6 – Contextos finitos com sujeito expresso

Observa-se uma preferência generalizada por formas verbais finitas e uma rejeição de formas infinitivas em contextos finitos, em todos os grupos. Esta última tendência é menos marcada no grupo elementar, que regista percentagens de aceitação de 39,5% com infinitivos flexionados e de 17,9% com infinitivos não flexionados, nestes contextos.

As formas infinitivas são sempre substituídas por formas finitas (23), com exceção de três casos no grupo elementar, em que é mantido o infinitivo, flexionado ou não, mantendo-se igualmente a conjunção subordinativa *que* (24).

(23) O pai disse-me que eles **estão** em Paris. (frase de teste: *O pai disse-me que eles **estar** em Paris*)

(24) O pai disse-me que eles **estarem** em Paris.

As ocorrências de desvios de pessoa/número nas correções realizadas pelos participantes são raras. Assim, no grupo elementar registam-se três desvios quanto ao número (substituições de terceira pessoa do plural por terceira do singular) (25) e duas quanto a pessoa (substituições de primeira pessoa de plural por terceira de plural) (26).

(25) a. Estavam contentes porque os exames já **tinha** terminados.

b. Estavam contentes porque os exames já **terminou**.

c. Ele perguntou se eles já **fazia** as malas.

(26) a. Todos os nossos amigos acham que nós **sejam** muito talentosos.

b. Todos os nossos amigos acham que nós **são** muito talentosos.

No grupo intermédio observam-se dois desvios: de pessoa [uma substituição de terceira pessoa do plural por primeira pessoa do plural (27)] e de número [uma substituição de terceira do plural por terceira do singular (25b)]. Esta última observa-se também no grupo avançado, representando o único desvio registado neste grupo.

(27) O pai disse-me que eles **estávamos** em Paris.

1.4.3 Aquisição da morfologia do infinitivo flexionado por falantes de outras línguas

Num estudo semelhante realizado com falantes nativos de espanhol e de italiano (Madeira e Xavier, 2012), observaram-se quer diferenças relativamente aos resultados dos falantes de chinês descritos quer diferenças entre os dois grupos, que evidenciam influência da L1, em particular no nível elementar. Embora tanto o espanhol como o italiano sejam línguas com morfologia verbal rica, o italiano, ao contrário do espanhol peninsular padrão, permite infinitivos pessoais (sem flexão de concordância) num conjunto restrito de contextos (Rizzi, 1982).

Apresentam-se, nos Gráficos 1.7 e 1.8, os resultados obtidos por estes grupos nos contextos infinitivos.

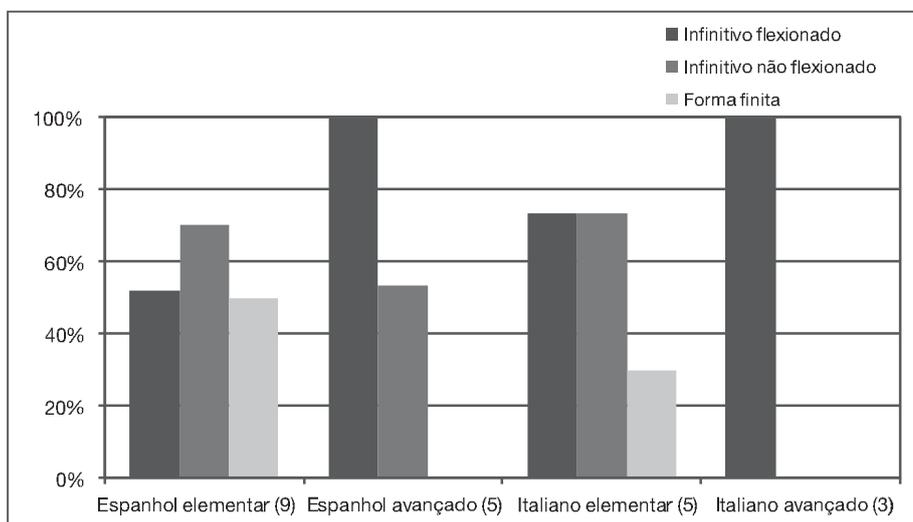


Gráfico 1.7 – Resultados em contextos infinitivos com sujeito expresso (falantes nativos de espanhol e de italiano)

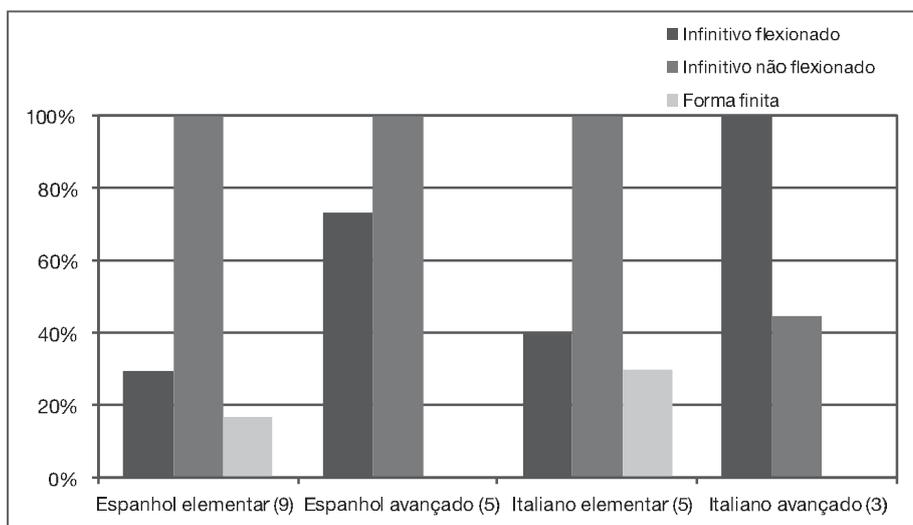


Gráfico 1.8 – Resultados em contextos infinitivos com sujeito nulo (falantes nativos de espanhol e de italiano)

Neste estudo, comparativamente com o grupo elementar de chinês L1, quer o grupo elementar de espanhol L1 (N = 9; idades = 26-20, média = 23,6) quer o grupo elementar de italiano L1 (N = 5; idades = 20-41, média = 28,2) apresentam taxas mais baixas de aceitação de infinitivos flexionados em contextos infinitivos com sujeito expreso (51,9% no grupo espanhol e 73,3% no grupo italiano) e, em particular, com sujeito nulo (29,6% no grupo espanhol e 40% no grupo italiano), revelando, simultaneamente, taxas mais elevadas de aceitação de infinitivos não flexionados, quer na presença de sujeito expreso (70,4% no grupo espanhol e 73,3% no grupo italiano) quer na sua ausência (100% em ambos os grupos); no caso do grupo de espanhol L1, também se observa uma tendência para aceitação de formas finitas com sujeito expreso (50%).

Os grupos avançados (espanhol L1: N = 5; idades = 30-56, média = 41,8; italiano L1: N = 3; idades = 22, média = 22), contudo, evidenciam conhecimento da distinção entre infinitivos flexionados e não flexionados, por um lado, e da distinção entre infinitivos flexionados e formas finitas, por outro lado, mostrando saber que os infinitivos flexionados possuem morfologia de pessoa e de número, legitimam sujeitos nominativos e estão excluídos de contextos finitos. Porém, à semelhança do grupo avançado de chinês L1, o grupo de espanhol L1 ainda apresenta uma aceitação elevada de infinitivos não flexionados em contextos infinitivos com sujeito expreso (53,3%, contra 0% do grupo de italiano L1). Por outro lado, o grupo de italiano L1 apresenta taxas mais baixas de aceitação de infinitivos não flexionados com sujeitos nulos (44,4%), ao contrário do grupo de espanhol L1, que, tal como o grupo de chinês L1, exhibe elevadas taxas de aceitação de infinitivos não flexionados nestes contextos (100%).

As estratégias a que estes aprendentes recorrem, quando rejeitam infinitivos flexionados, diferem parcialmente das descritas para os falantes de chinês L1. Assim, embora ambos os grupos elementares recorram à substituição de infinitivo flexionado por não flexionado, fazem-no, por vezes, mantendo o sujeito expreso (o que resulta em agramaticalidade) (28), o que não se observou nos grupos de chinês L1. Regista-se também a substituição por uma frase finita (29), substituição do verbo por uma forma finita (30) ou introdução de uma conjunção subordinativa, mantendo a forma infinitiva (31).

- (28) Os pais alugaram uma casa para elas **passar** um mês no campo. (frase de teste: *Os pais alugaram uma casa para elas **passarem** um mês no campo*)
- (29) Ele tirou o carro da garagem depois de que nos **tomamos** o pequeno-almoço. (frase de teste: *Ele tirou o carro da garagem depois de nós **tomarmos** o pequeno-almoço*)
- (30) Os pais alugaram uma casa para elas **passaram** um mês no campo.
- (31) Ele pediu que os alunos **trazerem** os passaportes (frase de teste: *Ele pediu aos alunos para **trazerem** os passaportes*)

1.4.4 Análise dos Resultados

Os resultados dos grupos de falantes de mandarim mostram que estes são sensíveis à presença da flexão de pessoa e número, estabelecendo uma distinção clara entre infinitivos flexionados e não flexionados. Assim, regista-se uma aceitação elevada de infinitivo flexionado em contextos infinitivos, mais acentuada quando o sujeito está realizado, e observa-se um contraste, relativamente ao infinitivo não flexionado, que é determinado pela presença ou pela ausência do sujeito: os aprendentes tendem a rejeitar o infinitivo não flexionado na presença de um sujeito realizado e a aceitá-lo quando o sujeito é nulo. Estes resultados mostram também que os aprendentes dominam as propriedades sintáticas que estão associadas à flexão de concordância verbal, nomeadamente a sua capacidade para legitimar um sujeito nominativo (realizado).

Sendo estas propriedades características de formas finitas, poderia colocar-se a hipótese de que os aprendentes consideram os infinitivos flexionados como formas finitas dos verbos. Contudo, embora se registem, no nível de iniciação, taxas relativamente elevadas de aceitação de formas verbais finitas em contextos infinitivos, o contraste que se observa entre as taxas de aceitação destas formas e as dos infinitivos flexionados, bem como a acentuada diminuição na aceitação destas formas finitas que se verifica no nível intermédio e, em particular, no nível avançado, mostram que os aprendentes distinguem claramente os infinitivos flexionados das formas verbais finitas. Tal é confirmado pelos resultados obtidos em contextos finitos, em que se assiste a uma rejeição sistemática do infinitivo flexionado (a qual, como seria de esperar, é menos marcada no nível de iniciação do que nos restantes níveis).

Os resultados dos grupos de falantes de espanhol e de italiano apresentam diferenças importantes relativamente a estes resultados. Assim, embora a presença do sujeito realizado continue a ter um efeito facilitador na aceitação do infinitivo flexionado (com exceção do grupo italiano avançado, que apresenta taxas de 100% independentemente da presença do sujeito), os níveis de aceitação desta opção gramatical são consideravelmente mais baixos nos grupos elementares (e também no grupo espanhol avançado, com sujeito nulo) do que os observados no grupo de falantes de mandarim.

Também ao contrário do grupo de falantes de mandarim, os resultados dos grupos elementares (e também do espanhol avançado) não evidenciam uma distinção clara entre o infinitivo flexionado e o infinitivo não flexionado, pelo menos, na presença de um sujeito realizado. Embora se registem taxas elevadas de aceitação do infinitivo não flexionado com sujeito nulo (que atingem os 100% em todos os grupos, com exceção do italiano avançado), as taxas de aceitação com sujeito realizado são igualmente elevadas – acima de 70%, nos grupos elementares, e de 50%, no grupo espanhol avançado. Os valores de aceitação de formas finitas em contextos infinitivos apresentados pelos grupos elementares, que se aproximam das taxas de aceitação do infinitivo flexionado (menos no grupo italiano elementar, com sujeito

expresso), sugerem que estes grupos não estabelecem uma distinção clara entre as duas formas, ao contrário do que se observa nos grupos avançados.

As estratégias a que os grupos de falantes nativos de espanhol e de italiano recorrem na substituição das formas consideradas incorretas (designadamente, o uso do infinitivo não flexionado com sujeito expresso, o uso de formas finitas em contextos infinitivos e o uso de infinitivos flexionados em contextos finitos), que diferem, de modo geral, das estratégias adotadas pelos falantes de mandarim, como foi descrito, parecem confirmar as conclusões para que a análise dos seus juízos de gramaticalidade nos remetem.

1.5 CONCLUSÕES

Começando por considerar apenas os falantes nativos de mandarim, que constituem o foco principal deste trabalho, a descrição dos dados permite identificar algumas dificuldades relativamente à realização da morfologia de concordância verbal quer em contextos finitos quer em contextos de infinitivo flexionado, sobretudo no nível de iniciação. No entanto, estas dificuldades são significativamente menores do que seria de esperar, tendo em conta que a língua materna destes aprendentes de português L2 se caracteriza pela não realização da morfologia flexional. Com formas verbais finitas, as taxas de desvios são bastante mais baixas do que o esperado e observa-se um aumento na taxa de concordância correta, na passagem do nível de iniciação para o nível intermédio e, de forma ainda mais acentuada, para o nível avançado. Estes factos sugerem, por um lado, que a ocorrência de desvios não está associada a qualquer défice gramatical – contra a Hipótese do Déficit Representacional e a Hipótese da Ausência Superficial da Flexão –, caso contrário, esperar-se-ia um número muito maior de desvios, pelo menos no nível de iniciação. Por outro lado, estes factos evidenciam um desenvolvimento gradual do conhecimento/uso da morfologia.

Os resultados obtidos em relação ao infinitivo flexionado confirmam estas observações. Assim, verificou-se que, em todos os níveis de proficiência, os falantes de mandarim demonstram sensibilidade à presença da flexão de pessoa e número, estabelecendo uma distinção clara entre infinitivos flexionados e não flexionados. Os resultados mostram também que estes falantes não nativos evidenciam conhecimento das propriedades sintáticas que estão associadas à flexão de concordância verbal, nomeadamente a sua capacidade para legitimar um sujeito nominativo, realizado ou nulo, tendo determinado que, neste caso, estas propriedades (morfológicas e sintáticas) estão associadas a formas verbais não finitas.

A comparação com os resultados de falantes de outras L1 produziu resultados diferentes para as formas finitas e para os infinitivos flexionados. No caso das formas finitas, observou-se que o desempenho dos dois grupos considerados, falantes de alemão e de italiano, não apresenta diferenças relativamente ao do grupo de falantes de mandarim. Assim, apesar da ausência de morfologia flexional na sua L1, os

falantes de mandarim não exibem dificuldades mais acentuadas do que os outros dois grupos, apresentam os mesmos tipos de desvios (com exceção, naturalmente, do recurso ao uso de empréstimos, registado entre os falantes nativos de italiano) e exibem um percurso de desenvolvimento semelhante na aquisição da morfologia de pessoa e número. Não se observa, pois, qualquer efeito aparente de influência da L1 neste domínio.

Já em relação ao infinitivo flexionado, o quadro que emerge da análise dos resultados descritos é distinto, tendo-se verificado que o desempenho dos falantes de espanhol e de italiano investigados apresenta diferenças importantes relativamente ao dos falantes de mandarim, nos níveis iniciais. Assim, por um lado, não se observou evidência de uma distinção clara entre o infinitivo flexionado e o infinitivo não flexionado, o que parece mostrar que estes falantes não são sensíveis à presença da flexão de pessoa e número nem à presença do sujeito realizado. Por outro lado, também não se observou evidência de uma distinção entre o infinitivo flexionado e formas finitas, o que parece indicar que, quando reconhecem a presença de flexão de pessoa e número, estes falantes identificam os infinitivos flexionados com formas verbais finitas. Ao contrário do nível elementar, o desempenho dos dois grupos, no nível avançado, revela reconhecimento do estatuto não finito do infinitivo flexionado, bem como conhecimento quer das suas propriedades morfológicas (flexão de pessoa e número) quer das suas propriedades sintáticas (legitimação de sujeitos nominativos).

Parece, pois, que, no caso dos aprendentes que são falantes nativos de espanhol e de italiano, e ao contrário do que concluímos a respeito dos aprendentes chineses, existem indícios, na aquisição do infinitivo flexionado, de um desenvolvimento paralelo da morfologia flexional e das propriedades sintáticas que lhe estão associadas (em conformidade, pois, com a Hipótese do Déficit Representacional). Uma questão que devemos aprofundar em trabalho futuro refere-se, assim, à relação que existe entre morfologia e sintaxe na aquisição do infinitivo flexionado.

Em suma, na aquisição do infinitivo flexionado, o percurso de desenvolvimento apresentado pelos falantes nativos de mandarim parece ser diferente do observado com os outros grupos linguísticos, pelo menos, em termos de ritmo de desenvolvimento. Este parece ser, pois, um domínio em que se verifica um efeito da influência da L1, embora não no sentido em que se esperaria, ou seja, os resultados indicam que a presença de paradigmas de morfologia flexional ricos na L1 não tem necessariamente um efeito facilitador na aquisição das propriedades morfológicas e sintáticas que caracterizam o infinitivo flexionado, sendo os falantes de uma língua sem morfologia flexional visível aqueles que apresentam evidência de um desenvolvimento mais precoce destas propriedades.

Esta conclusão levanta algumas questões interessantes, relacionadas, por um lado, com a natureza do processo de influência da L1 e, por outro lado, com o possível efeito de outros fatores, que não foram considerados neste trabalho, que poderão influenciar a aquisição da LNM.

Em relação à influência da L1, os resultados sugerem que ela poderá operar de forma seletiva, quer em termos das propriedades afetadas, quer em termos das

línguas envolvidas (L1 e L2). Deste modo, será necessário realizar mais investigação para que se possa compreender melhor que tipos de propriedades são mais suscetíveis de transferência, de que modo funciona este processo e até que ponto ele é determinado pelas características específicas quer da L1 dos aprendentes quer da L2 – por exemplo, pela maior ou menor proximidade tipológica entre as duas línguas.

Quanto ao efeito de outros fatores, um fator que não foi aqui considerado refere-se ao papel da instrução no desenvolvimento de diferentes tipos de propriedades gramaticais. Embora todos os falantes não nativos que participaram nos estudos descritos tenham aprendido português em contexto formal, poderá haver diferenças relativas ao tipo de instrução e ao tipo de propriedades que foram objeto de ensino formal que contribuam para explicar as diferenças observadas entre os resultados dos diferentes grupos.

Uma outra questão que se coloca prende-se com o efeito do tipo de tarefa nos resultados – até que ponto os diferentes tipos de tarefas utilizadas poderão ter determinado os resultados obtidos? Note-se que os estudos sobre morfologia flexional com formas finitas e com infinitivos flexionados assentam em diferentes tipos de dados. A decisão de não usar dados de *corpora* para investigar o infinitivo flexionado deveu-se à baixa frequência destas formas na produção espontânea. No entanto, poderíamos ter recorrido, na investigação das formas verbais finitas, ao mesmo tipo de metodologia experimental que foi utilizada para os infinitivos flexionados. Esta é uma opção que planeamos explorar em trabalho futuro. No caso da morfologia flexional com formas finitas, será pertinente também confrontar os resultados obtidos neste trabalho com dados quer de produção oral quer de compreensão oral.

1.6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUHN DE GARAVITO, J. (2003). "Learners' competence may be more accurate than we think: Spanish L2 and agreement morphology". In Licas, J. M. et al. (orgs.). *Proceedings of the 6th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2002)*, pp. 17-23. Somerville, MA: Cascadia Proceedings Project.

CLAHSEN, H. e MUYSKEN, P. (1986). "The availability of universal grammar to adult and child learners: A study of the acquisition of German word order". *Second Language Research* 2, pp. 93-119.

FRANCESCHINA, F. (2005). *Fossilized Second Language Grammars: The Acquisition of Grammatical Gender (Language Acquisition and Language Disorders)*. John Benjamins Publishing Company.

HAWKINS, R. e CHAN, C. Y. (1997). "The partial availability of Universal Grammar in second language acquisition: The 'failed functional features hypothesis'". *Second Language Research* 13, 187-226.

LARDIERE, D. (2000). "Mapping features to forms in second language acquisition". In Archibald, J. (ed.). *Second Language Acquisition and Linguistic Theory*, pp. 102-129. Oxford: Blackwell.

MADEIRA, A. e XAVIER, M. F. (2012). "The acquisition of the inflected infinitive by speakers of Chinese, Italian and Spanish". Apresentado no *Workshop on Crosslinguistic Influence in Non-native Language Acquisition*. Universidade Nova de Lisboa.

MADEIRA, A., XAVIER, M. F. e CRISPIM, M. L. (2009). "A aquisição de sujeitos nulos em português L2". *Estudos da Língua(gem) (Pesquisas em Aquisição da Linguagem)*, Vol. 7, N.º 2, pp. 163-198. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil.

PIRES, A. e ROTHMAN, J. (2009). "Acquisition of Brazilian Portuguese in late childhood: Implications for syntactic theory and language change". In Pires, A. e Rothman, J. (orgs.). *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese*, pp. 129-154. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

PRÉVOST, P. e WHITE, L. (2000). "Missing Surface Inflection or Impairment in second language acquisition? Evidence from tense and agreement". *Second Language Research* 16, 2, pp. 103-133.

RAPOSO, E. (1987). "Case Theory and Infl-to-Comp: The Inflected Infinitive in European Portuguese". *Linguistic Inquiry* 18, pp. 85-109.

RIZZI, L. (1982). *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris Publications.

WHITE, L. (2003) "Fossilization in steady state L2 grammars: Persistent problems with inflectional morphology". *Bilingualism: Language and Cognition* 6, 2, pp. 129-141.